

# TRANSFRONTEIRAS

## LINGÜÍSTICAS E LITERÁRIAS:

### CAMINHOS E PRÁTICAS NAS AMAZÔNIAS

Sonia Maria Gomes Sampaio, Mara Genecy Centeno Nogueira,  
Marília Lima Pimentel Cotinguiba, Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina,  
Natália Cristine Prado e Lucas Martins Gama Khalil  
Organizadores

**Transfronteiras linguísticas e  
literárias: caminhos e práticas nas  
amazônias**

### **Comissão científica**

- Antonella Gasbarri – Università degli Studi dell’Aquila  
Carlos Alberto Bezerra Tomaz – Universidade Ceuma  
Carlos Alberto Paraguassú-Chaves – Universidade Federal do Maranhão  
Luiz Fernando Dias Pita – Univ. Estadual do Rio de Janeiro  
Maria Clotilde Henriques Tavares – Universidade de Brasília

### **Comissão editorial**

- Eder Cassola Molina – Universidade de São Paulo  
Fernando Simplício dos Santos – Universidade Federal de Rondônia  
Hélio Rodrigues da Rocha – Universidade Federal de Rondônia  
João Carlos Gomes – Universidade Federal de Rondônia  
Júlio César Barreto Rocha – Universidade Federal de Rondônia  
Miguel Nenevé – Universidade Federal de Rondônia  
Nair Ferreira do Amaral Gurgel – Universidade Federal de Rondônia  
Valdir Vegini – Universidade Federal de Rondônia

### **Corpo de pareceristas**

- Fernando Simplício dos Santos – Universidade Federal de Rondônia  
Hélio Rodrigues da Rocha – Universidade Federal de Rondônia  
João Carlos Gomes – Universidade Federal de Rondônia  
Lucas Martins Gama Khalil – Universidade Federal de Rondônia  
Mara Genecy Centeno Nogueira – Universidade Federal de Rondônia  
Maria de Fátima C. O. Molina – Universidade Federal de Rondônia  
Marília Lima Pimentel Cotinguiba – Universidade Federal de Rondônia  
Natália Cristine Prado – Universidade Federal de Rondônia  
Sonia Maria Gomes Sampaio – Universidade Federal de Rondônia

Sonia Maria Gomes Sampaio  
Mara Genecy Centeno Nogueira  
Marilia Lima Pimentel Cotinguiba  
Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina  
Natália Cristine Prado  
Lucas Martins Gama Khalil  
(Orgs.)

# **Transfronteiras linguísticas e literárias: caminhos e práticas nas amazônias**

Temática  
Porto Velho – Rondônia  
2020

© by Sonia Maria Gomes Sampaio, Mara Genecy Centeno Nogueira, Marília Lima Pimentel Cotinguiba, Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina, Natália Cristine Prado, Lucas Martins Gama Khalil

Temática Editora  
Rua Marechal Deodoro, 1956 Centro  
Porto Velho-RO (69) 9.9246-7839  
tematicaeditora@gmail.com

Comissão Técnica

Abel Sidney (Preparação de originais e revisão)

Rogério Mota (Capa)



O presente livro foi realizado com apoio do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD/Amazônia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil - Projeto: DIÁSPORAS AMAZÔNICAS: LÍNGUA, CULTURA E EDUCAÇÃO SOB O SIGNO DA DIVERSIDADE - Edital: PROCAD Amazônia -Linha 1 -n. 88887.200508/2018-0.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T772

Transfronteiras linguísticas e literárias : caminhos e práticas nas  
Amazônias / Sonia Maria Gomes Sampaio ... [et al.]. – Porto Velho :  
Temática Editora, 2020.

3,616 MB

ISBN 978-65-991205-5-8 (e-book)

1. Linguagem. 2. Povos amazônicos. I. Sampaio, Sonia Maria  
Gomes, org. II. Nogueira, Mara Genecy Centeno, org. III.  
Cotinguiba, Marília Lima Pimentel, org. IV. Molina, Maria de  
Fátima Castro de Oliveira, org. V. Prado, Natália Cristine, org. VI.  
Khalil, Lucas Martins Gama, org. VII. Título.

CDD 410  
CDU 81'28

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Zane S. S. Santos CRB 11/1081

## SUMÁRIO

### VIVÊNCIAS LITERÁRIAS E TRAVESSIAS LINGUÍSTICAS NAS FRONTEIRAS AMAZÔNICAS **9**

Sonia Maria Gomes Sampaio

Mara Genecy Centeno Nogueira

Marilia Lima Pimentel Cotinguiba

Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina

Natália Cristine Prado

Lucas Martins Gama Khalil

### ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS SOBRE AS AMAZÔNIAS

### A COMPOSIÇÃO SIMBÓLICA DE CASSIRER E A PERCEPÇÃO NARRATIVA NO ESPAÇO DAS LENDAS RIBEIRINHAS **19**

Analton Alves

Nair Ferreira Gurgel Amaral

### ANÁLISE DE UMA NARRATIVA TRADICIONAL APURINÃ (ARUÁK): A HISTÓRIA DE AWÃAI **38**

Thiffane Santos

Sidney da Silva Facundes

### ANÁLISE DO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA EM RONDÔNIA: UMA VISÃO MULTICULTURALISTA **56**

Marta Martins Ferraz Paloni

Simone Leite de Freitas

Xênia de Castro Barbosa

### ANDIRÁ NO IMENSO TEATRO VERDE AQUÍFERO **75**

Sidnei Pereira dos Santos

*BRAZILIAN JOURNAL*: UMA LEITURA PÓS-COLONIAL SOBRE AS  
DESCRIÇÕES DO ESTADO DO AMAZONAS **88**

Nêili Iara Fernandes Klein

Miguel Nenevé

*CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*: SUBJETIVIDADE E  
UNIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM UMA POSSÍVEL  
ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA **105**

Vitória Siton Bujaneme

DO ORIENTE À AMAZÔNIA: O ENCONTRO DO CEDRO COM O  
MADEIRA **118**

Maria Vitória Loureiro do Nascimento Vieira

Klivy Ferreira dos Reis

EFEITOS DE SENTIDO NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO  
AGRICULTOR FAMILIAR DA ZONA DA MATA RONDONIENSE **132**

Natália Leite Lima

LENDA EIARA: TUPI-GUARANI, POR ERMANNO STRADELLI E AS  
SEREIAS EUROPEIAS **148**

Luana Cardoso Sousa

Joelygia Maria de Moura Siena

MAPEAMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS INDÍGENA NAS FRONTEIRAS  
DOS ENTRE-LUGARES AMAZÔNICOS **163**

João Carlos Gomes

Luciana Oliveira Monteiro

NAS ENTRANHAS DA SELVA DE FERREIRA DE CASTRO: SOBRE  
MEMÓRIAS E IDENTIDADES **183**

Amanda Ágda da Silva Gutierrez

O REGIONALISMO E O IMAGINÁRIO SOCIAL NO CONTO “A DAMA ENCANTADA DA CACHOEIRA DE SANTO ANTÔNIO”, DE SANDRA CASTIEL **195**

Ítalo Lima de Moura

OS SUBALTERNOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTO “O LAGO DE SAMUEL”, DE HÉLIO ROCHA **208**

Ronilson de Sousa Lopes

Fancliene de Sousa Batista

Heloísa Helena Siqueira Correia

PÓS-COLONIALISMO EM *SERINGAL*, DE MIGUEL FERRANTE **220**

Joelma Ferreira Bezerra

William Silvio do Nascimento

Sonia Maria Gomes Sampaio

O VELADO E O EXPLÍCITO: AS MARCAS DO DISCURSO COLONIZADOR NO ROMANCE *A SELVA*, DE FERREIRA DE CASTRO **237**

Cláudio Lopes Negreiros

**ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS NAS AMAZÔNIAS**

A ATEMPORALIDADE DA POÉTICA DRUMMONDIANA SOB A PERSPECTIVA POLÍTICO-SOCIAL **254**

Monique Santos Pereira

Ana Maria Felipini Neves

A ORALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS **280**

Rita Maciel

Neidja Santana

Carlos Eduardo Ortiz



CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA PSICANALÍTICA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO **299**

Andrey Marcel Botelho Fiori

Weidila Nink Dias

Marília Lima Pimentel Cotinguiba

GÊNERO E TRÂNSITO NA PRODUÇÃO MICROFICCIONAL DE MARÍA ROSA LOJO **311**

Gracielle Marques

IDEOLOGIA E SUJEITO NO DISCURSO DA CONTABILIDADE

Joel Bombardelli **329**

MANUAL DE REDAÇÃO JORNALÍSTICA DA FOLHA DE SÃO PAULO: O ETHOS DO PROFISSIONALISMO E A SUA CONSTITUIÇÃO INTERDISCURSIVA NA SEÇÃO DE INTRODUÇÃO **343**

Taiana Janaína Pereira Maier

Lucas Martins Gama Khalil

O MUNDO DELIRANTE DE UM HERÓI BRASILEIRO: MACUNAÍMA **361**

Elisângela de Jesus Gomes Campos

Daniel Aurélio Pereira Campos

PROTO-HISTÓRIA DAS ESCRITORAS AFRICANAS NO *ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO* **381**

Pedro Manoel Monteiro

RESISTÊNCIA NA OBRA *PATINHO SURDO* **399**

Larissa Gotti Pissinatti

*THE NAMESAKE* DE JHUMPA LAHIRI: A TRADUÇÃO DE MARCADORES CULTURAIS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA **418**

Ronelson Campelo Silva

Andréa Moraes da Costa

# **EFEITOS DE SENTIDO NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DO AGRICULTOR FAMILIAR DA ZONA DA MATA RONDONIENSE**

Natália Leite Lima  
Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)  
nat.llima@hotmail.com

## **INTRODUÇÃO**

Os discursos que serão analisados neste artigo foram extraídos de depoimentos dos agricultores e agricultoras cadastrados na segunda fase do projeto socioambiental intitulado Viveiro Cidadão, executado pela ONG Ação Ecológica Guaporé (Ecoporé), com o patrocínio do programa Petrobras Socioambiental, entre os anos de 2017 e 2019. O objetivo desse projeto é recuperar áreas de preservação permanentes e reservas legais degradadas, a partir de ações de reflorestamento e estímulo à produção sustentável, dispondo da infraestrutura existente no viveiro de produção de mudas da Ecoporé como centro irradiador de ações de educação socioambiental e de comunicação.

O que se busca analisar neste artigo é o interdiscurso, a memória discursiva e os efeitos de sentidos com base na teoria da Análise do Discurso da linha francesa, partindo de discursos produzidos pelos agricultores familiares cadastrados no projeto. O intuito é compreender quais são os efeitos de sentido produzidos pelos produtores rurais em relação ao meio ambiente e seu entorno. Os dados foram coletados de entrevistas contendo testemunhos de quatro participantes do projeto. A proposta é investigar discursivamente os enunciados de forma a entender quais as possíveis

relações interdiscursivas existentes na fala do produtor e como o funcionamento ideológico se materializa nesse discurso.

No primeiro momento, será apresentado um breve histórico da Instituição e do projeto executado pela ONG Ecoporé, que atua diretamente com agricultores e agricultoras. Feito isso, iremos apresentar, de modo breve, o aporte teórico baseado em conceitos de Michel Peuchêux e Eni Orlandi, estudiosos da Análise de Discurso da linha Francesa – corrente teórica originária da segunda metade do século XX, década de 1960 –, juntamente com a análise dos dados obtidos durante a pesquisa.

## **ECOPORÉ E O VIVEIRO CIDADÃO**

O processo histórico da colonização da região amazônica, em especial no Estado de Rondônia, mostra que seu desenvolvimento está intimamente ligado aos programas governamentais, mais intensamente a partir da década de 1970, por meio dos governos militares. A ocupação do território rondoniense foi feita por pessoas procedentes de diversas regiões do país, especialmente de agricultores vindo do Sul e Sudeste. Esse histórico, somado aos inúmeros projetos de colonização, ao asfaltamento da rodovia federal BR-364, entre outros fatores, propulsou a ocupação rural de Rondônia.

Diversas cidades foram crescendo à beira da estrada, impulsionando o movimento migratório mais importante do Estado. Na região da Zona da Mata, composta pelos municípios de Alta Floresta d'Oeste, Alto Alegre dos Parecis, Castanheiras, Nova Brasilândia d'Oeste, Novo Horizonte do Oeste, Rolim de Moura e Santa Luzia d'Oeste, a ocupação seguiu o mesmo ritmo, ocasionando a devastação de grande parte da cobertura vegetal destes territórios.

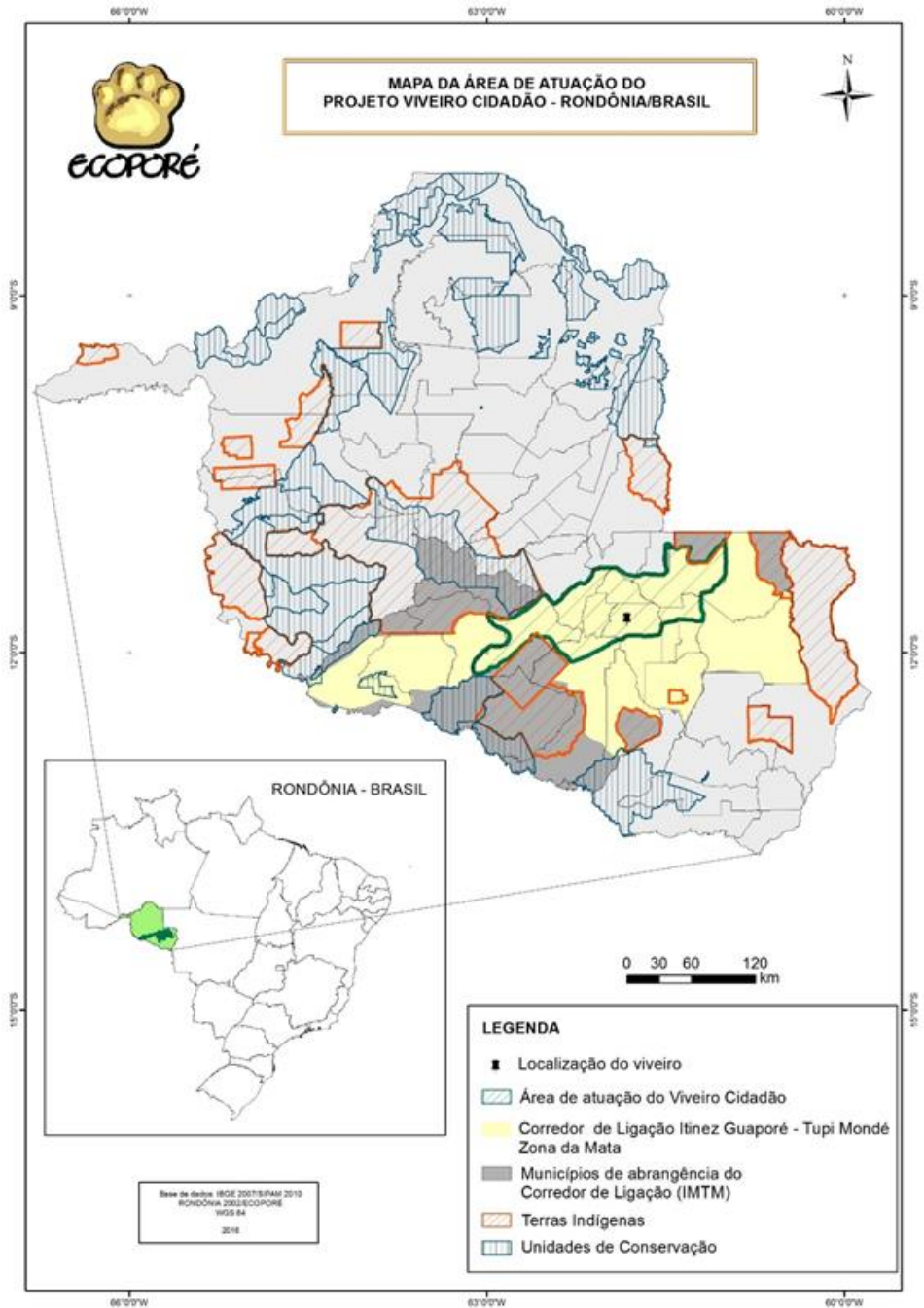
Esse cenário foi causado, principalmente, pela degradação de nascentes de importantes corpos d'água, aliada ao uso intenso desses ambientes em atividades rurais, urbanas e industriais.

Este é o contexto no qual surge a Ecoporé, em 1988, no município de Rolim de Moura, interior do estado de Rondônia, com intuito de legitimar suas ações desenvolvidas contra a exploração predatória de madeiras, combate ao desmatamento ilegal e ao processo de invasão das Unidades de Conservação, que à época se expandiam no Estado (Ecoporé, 2019).

Entre os inúmeros projetos executados pela Instituição, encontra-se o Viveiro Cidadão, que já realizou a recuperação de 500 hectares de áreas em oito municípios da Zona da Mata rondoniense e Centro Sul do estado de Rondônia desde sua criação, em 2013, primeira fase do projeto. A iniciativa atua com mais de 600 proprietários rurais, entre agricultores familiares, mulheres do campo e jovens agricultores, já tendo distribuído mais de dois milhões de mudas de diversas espécies frutíferas e florestais. Este plantio se soma às centenas de atividades de educação ambiental já desenvolvidas no decorrer do trabalho (Ecoporé, 2019).

Na segunda fase do projeto, foram propostos quatro eixos de trabalho: Educação socioambiental, recuperação de áreas, pesquisa e formação, além da comunicação social. Os eixos adotados no trabalho tiveram abordagem metodológica dos Viveiros Educadores, atuando de forma integrada, de modo a estimular agricultores familiares a recompor áreas, buscando, assim, a adequação ambiental de suas propriedades rurais à luz do código florestal brasileiro.

Figura 1 - Mapa de área de atuação do projeto Viveiro Cidadão (2019)



## CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E ANÁLISE DOS DADOS

A Análise de Discurso (AD) Francesa, de acordo com Orlandi (2005), procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Isso implica uma necessária relação com a exterioridade, como destaca a autora:

[...] a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação da análise da linguagem); a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos); o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (Orlandi, 2005, p. 20)

O *corpus* deste trabalho é constituído por quatro depoimentos de agricultores, gravados em vídeo e disponibilizados pelo próprio projeto em seu canal no Youtube. Contudo, optamos por fazer o recorte deste *corpus* e selecionar, para este artigo, apenas o depoimento que contém a entrevista de um agricultor do município de Rolim de Moura, ao lado de sua filha. O recorte se deve a dois fatores. O primeiro, devido à limitação espacial do artigo, e o segundo, à representatividade do dado, que pode ilustrar alguns aspectos do funcionamento mais amplo do discurso observado no *corpus*.

Exposto isso, tem-se a análise da primeira parte do depoimento, que discorre sobre a importância que o projeto Viveiro Cidadão tem para os dois entrevistados. A entrevista encontra-se publicada no Youtube e o trecho apresentado abaixo situa-se no tempo de quatro minutos e dezessete segundos (4min17seg).

Bom, como jovem **agricultora e mulher**, eu acredito que é uma maneira também de **permanência** da gente no sítio, porque, se você tem uma plantação, **você pode fazer** o consumo da família e o excedente **você pode estar** comercializando. (grifos nossos)

Analisa-se, inicialmente, o destaque para o uso da palavra “mulher” ao se referir como jovem agricultora. Observando a expressão utilizada, no momento em que menciona esta parte do enunciado, essa palavra recupera o sentido da histórica falta de protagonismo e reconhecimento da mulher no campo, embora seu papel sempre tenha sido importante e fundamental na área rural.

Há uma especificidade histórica presente na materialidade do discurso da jovem, que se trata da antiga luta por igualdade de gênero e a busca pela valorização do trabalho da mulher rural. Pode-se, a partir de sua fala, observar certas condições de produção, considerando-se que as mulheres ainda não possuem o devido reconhecimento da sociedade e ainda lutam para obter esse respeito. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), do Censo Agropecuário 2017, demonstram que, no Brasil, 3,6 milhões de pessoas vivem no campo. Deste número, quase 700 mil são mulheres, o que equivale declarar que 19% dos produtores individuais são do sexo feminino.

Para certos discursos (muitas vezes, hegemônicos) presentes em nossa sociedade, a mulher não é vista com capacidade de gerir financeiramente a atividade no campo, e é levada à condição de ser apenas uma ajudante do homem. Ainda não há uma divisão entre o seu mundo de trabalho e o da sua família. É a ideologia machista que é reproduzida no discurso da jovem, a história de submissão da mulher, que dentro da organização familiar tem que ser obediente e

fiel ao marido e boa mãe para os filhos. Essa “reprodução” não se dá necessariamente como assunção do discurso machistas, mas sim, como constituição interdiscursiva.

Quando se faz o uso do substantivo “mulher” (nesse caso, com função caracterizadora), temos que considerar, nas circunstâncias da enunciação, o papel que assume a posição de sujeito mulher ao longo da história. A imagem que a mulher tem diante de uma sociedade patriarcal e machista, na qual ela se encarrega dos afazeres domésticos e da educação das crianças, ao passo que, ao homem, incube a direção da família e da garantia do sustento familiar por meio do trabalho. São relações de forças, de sentidos e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, como afirma Orlandi (2005). Continua a autora:

Podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história... Tudo isso visa contribuir para constituição das condições em que o discurso se produz e portanto para seu processo de significação. É bom lembrar que: na análise do discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na consituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem (Orlandi, 2005, p. 39)

À luz da teoria, segundo Orlandi (2005), as condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. A autora destaca que:

Um deles é o que chamamos de relações de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo.



Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (Orlandi, 2005, p. 39).

Esses fatores poderão, ainda, não só envolver o discurso, mas sim, possibilitar ou determinar a sua própria produção. A AD considera as condições em que algum texto é produzido, enxerga como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social. Pode-se dizer que, pela análise do discurso, recupera-se esse processo histórico-social. Orlandi (1942) explica que um dos conceitos básicos para AD é o de condições de produção:

Essas condições de produção caracterizam o discurso, o constituem e como tal são objeto de análise. Essa modificação na perspectiva do objeto traz consigo a necessidade de se ver a enunciação não como desvio, mas como processo constitutivo da matéria enunciada (Orlandi, 1942, p. 110).

Na segunda parte do trecho, destacamos a utilização do substantivo “permanência” no enunciado. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2015, a maior parte da população brasileira, 84,72%, vive em áreas urbanas. Já 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais.

Neste trecho, ora analisado, percebe-se a interdiscursividade que a fala da jovem carrega. Ao se referir sobre a permanência do jovem no sítio, pode-se dizer que os desafios ainda são enormes, com carência de políticas públicas voltadas para que o jovem permaneça no campo. São experiências repetidas no passado que estão presenciadas neste enunciado. O conceito de interdiscurso, a partir da concepção de Eni Orlandi (2005), envolve a disponibilização de

dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

No enunciado da jovem, é possível emergir, como efeito de sentido, uma crítica ao sistema público, uma vez que o Governo não tem uma política eficiente que proporcione a fixação desse público no campo (por isso, o uso de “maneira de permanência”, e não “maneira de produção”, por exemplo, que geraria outros sentidos), contribuindo com aumento do envelhecimento da população rural ao longo da história, fato que ela presenciou durante sua vida familiar. Com o emprego de “permanência”, sugere-se, também, uma determinada relação com o campo, como lugar em que, a princípio, se quer estar, desde que existam condições favoráveis para isso.

De acordo com Orlandi:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas palavras”. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (Orlandi, 2005 p. 32).

Ainda na primeira parte do depoimento analisado, destacamos os trechos “você pode fazer” e “você pode estar comercializando”. O uso do gerúndio é muito comum nas falas encontradas em situação de prestação de serviços. Entre as ações executadas no projeto está a ampliação dos chamados “quintais produtivos”. São áreas que ficam nos arredores das casas usadas para o cultivo de frutas, verduras, ervas e plantas medicinais e para criação de pequenos animais (Ecoporé, 2019).

Esses espaços, além de garantir a segurança alimentar das famílias, tornaram-se uma fonte de renda. Foi um serviço executado pela equipe do projeto por meio de prestação de assistência técnica promovida junto às famílias cadastradas e por meio do fornecimento de mudas frutíferas para implantação e enriquecimento destes quintais produtivos. A equipe acompanhou desde a sua implementação, até a comercialização dos excedentes.

Percebemos, então, como o discurso do projeto constitui/atraversa a fala da jovem. As instruções recebidas durante o projeto, orientações sobre qual melhor técnica a ser utilizada, o que fazer com o excedente gerado, entre outras, estão inseridas em seu discurso. Essas construções representam, no discurso da agricultora, o modo de enunciação típico do projeto, pois no final do trecho da fala dela, funciona como uma enunciação instrucional, o que faz reverberar o discurso.

Ao continuar a análise dos dados, passamos agora para o próximo trecho:

A questão de plantar também foi muito, muito interessante, porque eu e o pai plantamos abacaxi e **enquanto a gente tava plantando, a gente tava conversando sobre, sobre a história de vida do pai**, mesmo foi quando descobri que a vó do senhor, a vó ne pai?! **“A avó do pai era sem terra, eu falei “nossa”, eu nem sabia que eu tinha alguém sem terra na família”** e foi quando eu descobri pelo fato de tá trabalhando junto, trabalhando com a terra, com as mudas também, **e essa proximidade**. E o fato de você plantar uma árvore, plantar uma frutífera, você tá em contato com a terra em contato com as pessoas. (grifos nossos)

Nesta parte, observa-se que seu passado tem uma história carregada de lutas em busca de melhores condições de vida, do direito à terra, ao remeter que sua avó era sem terra. Percebe-se, ainda, um discurso constituído por valores e saberes permeados por elementos históricos e culturais, e que repassam essas ideias às próximas gerações, por meio de práticas discursivas, muitas vezes vinculadas ao trabalho no dia a dia, nas relações familiares.

No mesmo trecho, damos destaque ao sentido da palavra “proximidade”. Ela está relacionada com a identidade criada com a terra, ao sentimento de pertencimento estabelecido por laços familiares, a criação de vínculos com o espaço, a localidade, que faz somar ao processo de construção de identidade. “Proximidade”, assim, relaciona-se intradiscursivamente ao sentido de “permanência”, analisado anteriormente não apenas como “ficar no mesmo lugar”, mas como “querer estar” nesse lugar.

O autor Fernandes (2003) destaca que a condição plural da identidade permite reflexões sobre este conceito, que reforça o conceito de sujeito próprio à Análise do Discurso:

Para esse campo disciplinar, o sujeito é produzido no interior dos discursos e sua identidade é resultante das posições do sujeito nos discursos. O sujeito discursivo é heterogêneo, constitui-se pela relação que estabelece com o outro, pelas interações em diferentes lugares na sociedade, e, com o Outro, que se materializa na linguagem e mostra o sujeito em um lugar desconhecido para si (Fernandes, 2003, p. 32).

Iremos, agora, para análise do último trecho da entrevista, que contém parte do depoimento do pai agricultor, que completa a fala da sua filha:

É, a respeito do que a Aline disse sobre as raízes eu vou dar um testemunho verdadeiro... Quando eu estou num certo lugar eu costumo dizer **assim "que eu sou 99,9 terra, só tem uma vírgula que é o "FUU" (som de assopro com a boca), esse sopro que me age, mas eu sou da terra, gosto da terra, amo a terra e faço tudo pela terra. O motivo eu vou dizer pra você, não tive instrução do INCRA para respeitar as margens do rio, mas pela minha consciência eu disse assim "dez metros pra lá não me enriquece, dez metros para cá não me empobrece". Então está aqui, quarenta e 6, 15, vai fazer 46 anos. Então, fiz o primeiro local porque também não era possível que eu ficasse, era a onça pura na época, abri mas logo em seguida a foi no primeiro ano depois e o INCRA não passou essa instrução para ninguém, ninguém. Não tem ninguém dos colonizadores do INCRA que dê esse relato, mandou que derrubasse, quem não derrubasse...**

**...era pra vender** (Aline, a filha)

**...o primeiro sítio tinha direito a outro. Assim nós fomos instruídos por isso.** (Seu Roque, o pai) (grifos nossos)

Para se fazer melhor compreender o depoimento acima, faz-se necessário resgatar qual foi a atuação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra, criado em 1970, período da ditadura militar. A política orientadora, à época, era pautada pelo desmatamento para obtenção da posse da terra.

Neste breve relato, é possível perceber que isto está presente em seu discurso quando se justifica sobre o desmatamento da sua propriedade. O próprio fato de apresentar uma justificativa, ou seja, de considerá-la necessária em sua fala, mostra que o discurso de preservação, adotado pelo projeto, está assumido em enunciado. Percebe-se o cuidado que o agricultor tem com a terra, especialmente,

no trecho “mas eu sou da terra, gosto da terra, amo a terra e faço tudo pela terra”.

O uso do termo “mas” assume a função de uma conjunção adversativa, que vem expressar a ideia de contraste, de não aceitação de algo (no caso, de um outro discurso, favorável ao desmatamento). Para ele, o desmatamento cometido e estimulado pelo Governo era, infelizmente, o caminho para obtenção da propriedade rural. Orlandi (2005) destaca que “nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação”. A autora afirma que:

Pensando as relações de forças, a de sentidos e antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história (Orlandi, 2005, p. 41).

O pronome pessoal plural “nós”, que também é utilizado no enunciado, denota uma voz construída por outras vozes sociais. Existe um sujeito coletivo presente no discurso do agricultor. Tem-se a ideia de que não é somente ele, mas estão presentes as vozes de diversos agricultores que estiverem sob as mesmas condições sócio-históricas.

A prática da enunciação envolve todo o contexto histórico social em que o discurso é produzido. Os aspectos ideológicos e sociais estão presentes no ato de falar e são determinantes para sua construção. Além da voz coletiva presente na fala do agricultor, outras formações discursivas estão explicitadas no depoimento. Estas foram permeadas pelos fatos históricos vividos e isso está presente em seu discurso, que tem a ideologia materializada na linguagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o intuito de apresentar como a ideologia é materializada no discurso e identificada por meio das falas transcritas no *corpus* deste artigo. Vale destacar que o interdiscurso – aquilo que já foi dito, em outro lugar, independentemente –, está presente constitutivamente nos discursos. Isso demonstra como o discurso é atravessado pela ideologia, sendo esta materializada por meio da linguagem. No processo de construção discursiva, vários elementos conduzem à formação do discurso. Questões relativas ao meio ambiente estão presentes na fala dos agricultores, seja na expressão de sentimento em relação ao lugar, às origens familiares, trazendo a memória discursiva para produção do seu dizer.

A formação discursiva encontrada nos depoimentos reafirma que o sentido é determinado pelas concepções ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, conforme diz Orlandi (2005). Na Análise do Discurso, o sujeito não pode ser visto como individualizado. Ele é uma construção de várias vozes sociais. Para compreender o sujeito discursivo, se faz necessário entender quais são as vozes presentes em seus enunciados. Trata-se de um sujeito interpelado pela ideologia e atravessado por diversas formações discursivas, que constroem sua fala. Conforme Orlandi (2005) afirma, “[...] a ideologia é a condição do sujeito e dos sentidos”.

A análise do discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber, conforme escreve Orlandi (2005). O sujeito na Análise do Discurso é compreendido em sua forma sócio-histórica, é pensado como posição,

o lugar que ocupa. O que já foi dito em algum lugar perpassa e constrói os dizeres atuais, como afirma Pêucheux (2014) “são levados a desempenhar um papel específico essencial no processo de constituição do “discurso”, ou seja, o discurso é opaco, não é transparente e é atravessado por diversas formações discursivas.

## REFERÊNCIAS

AÇÃO ECOLÓGICA GUAPORÉ - Ecoporé. Disponível em: <<http://ecopore.org.br/quemsomos>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Ed. ver. e ampl. São Carlos: Editora Claraluz, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). Disponível em <[www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21814-2017-censo-gropecuario.html?=&t=o-que-e](http://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21814-2017-censo-gropecuario.html?=&t=o-que-e)>. Acesso em 4 nov. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/historico-do-incra>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.



PROJETO VIVEIRO CIDADÃO. Disponível em:  
<<http://viveirocidadeo.org.br/institucional>>. Acesso em: 10 nov.  
2019.

VIVEIRO CIDADÃO - ENTREVISTA - ALINE C. DOS SANTOS E  
ROQUE A. DOS SANTOS. Disponível em:  
<[www.youtube.com/watch?v=NYikAOa4RxY](http://www.youtube.com/watch?v=NYikAOa4RxY)>. Acesso em: 10 nov.  
2019.